

GARDEN TOURISM E JARDINS HISTÓRICOS: A NATUREZA PATRIMONIALIZADA¹

Susana Gastal²

Ana Maria Costa Beber³

Pedro de Alcântara Bittencourt César⁴

Resumo

Expressão cultural da economia globalizada, a Pós-modernidade marca-se pela mobilidade acelerada de pessoas, mercadorias e capitais; pela expansão e maior hegemonia política das cidades; e pelo desaparecimento da natureza, entre outros. Decorrente desses processos tem-se a presença cada vez mais significativa do turismo, a emergência das cidades como destinos turísticos qualificados e a culturalização da natureza, entre outros, na forma de reservas florestais, parques e jardins históricos. Nesses termos, o artigo tem por objetivo discutir o que vem sendo tratado como turismo de jardins [*garden tourism* ou *garden visiting*], na interseção entre natureza, cultura e turismo. O segmento, tratado como turismo de nicho, envolveria, além dos jardins históricos, os jardins botânicos e eventos relacionados a plantas e materiais de jardinagem. A metodologia, de viés qualitativo, inclui revisão da bibliografia, pesquisa *on line* para registro de experiências internacionais e um estudo de caso destacando o Sítio Burle Marx, localizado no município do Rio de Janeiro, Brasil. Criado pelo paisagista Burle Marx, o local abriga espécimes representativos da flora brasileira, alguns deles ameaçados de extinção, tendo sido tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2003. Hoje, o Sítio recebe turistas e moradores da cidade e região metropolitana carioca, para visitação e participação em cursos e eventos culturais ali realizados. Os resultados indicam a importância e as possibilidades para o turismo de jardins, com destaque para a incorporação dos jardins históricos na oferta turística segmentada.

Palavras-chave: Turismo de Jardins. Patrimônio. Jardins Históricos. Turismo de Nicho

¹ Este estudo é parte do projeto de pesquisa Educação Patrimonial e a Prática Turística Qualificada: O Jardim Botânico de Porto Alegre, RS, de parceria entre a Universidade de Caxias do Sul e a Universidade Federal do RS, com financiamento do CNPq. Participam dessa pesquisa, em diferentes momentos, Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni; Me. Aline F. da Silva, mestrandos Viviane Rocha e Felipe Zaltron de Sá.

² Universidade de Caxias do Sul, susanagastal@gmail.com

³ Universidade de Caxias do Sul, galaxia_ana@hotmail.com

⁴ Universidade de Caxias do Sul. pabcesar@ucs.br

Abstract

Postmodernity is the cultural expression of the globalized economy, marked by the accelerated mobility of people, goods and capital; by the expansion and greater political hegemony of the cities; and by the nature's disappearance, among others. As result there is a significant presence of tourism, the emergence of cities as qualified tourism destinations and nature's culturalization, as forest reserves, parks and historic gardens among others. This paper aims to discuss what is being treated as garden tourism or garden visiting, at the intersection between nature, culture and tourism. The segment is treated as niche tourism, and it involves the historic gardens, botanical gardens and events related to plants and gardening materials. The research, methodologically in qualitative bias, includes literature review, an online survey to record international experiences and a case study highlighting the Sitio Burle Marx, located in the city of Rio de Janeiro, Brazil. Created by the artist Burle Marx, the 'Sítio' houses representative specimens of the Brazilian flora, some of them threatened with extinction, and it was considered by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) in 2003 as Brazilian cultural heritage. Today, the 'Sitio' receives tourists and residents of the city itself, for visitation and participation in courses and cultural events held there. The results indicate the importance and possibilities for garden tourism, with emphasis on the incorporation of historical gardens into the segmented tourist offer.

Keywords: Garden Tourism. Heritage. Historical Garden. Niche Tourism.

1. INTRODUÇÃO

A Pós-Modernidade está para a globalização, assim como a Modernidade esteve como expressão cultural do momento econômico com ênfase industrial. Mattos (2006) fala em *novas forma de produzir*, que alteram o desenho fordista de produção, em mudança que, por sua natureza e alcance, desenham um novo cenário, com repercussões não só econômicas, mas também sociais, culturais e urbanos, em termos de desenho e gestão das cidades. Para fins da presente reflexão, que objetiva uma aproximação aos jardins históricos na sua relação com o turismo, destacam-se a questão cultural e a urbana.

O novo cenário impôs-se a partir dos anos 1970, quando a presença da tecnologia e o esgotamento da dinâmica econômica traçada a partir da crise de 1929, conduzem a "políticas basadas em el discurso teórico-ideológico de la liberalización económica" (Mattos, 2006:43). Em decorrência, colocam-se a fragilização do estado-nacional e o maior protagonismo das cidades que, entre outros, passam a disputar entre si a atração de capitais, empresas e visitantes. A associação entre o econômico e a tecnologia torna o capital volátil e direcionado nas suas aplicações, não só ao setor produtivo, mas também e principalmente aos mercados financeiro e imobiliário. À mobilidade do capital, associa-se a mobilidade de mercadorias e de pessoas, com importantes repercussões para o turismo, tanto no número de viajantes como em novas possibilidades de segmentação (Mattos, 2006; Gastal y Osmaïnchi, 2017; Harvey, 2016; 1999).

Feitas as considerações iniciais, o presente artigo propõe apresentar e discutir o que vem sendo tratado como turismo de jardins [*garden tourism* ou *garden visiting*], na sua interseção entre natureza, cultura e turismo. O segmento, considerado como turismo de nicho, envolveria, além dos jardins históricos, os jardins botânicos e eventos relacionados a plantas e materiais de jardinagem. A metodologia, de viés qualitativo, inclui revisão da bibliografia, pesquisa *on line* para registro de experiências internacionais e um estudo de caso destacando o Sítio Burle Marx, localizado no município do Rio de Janeiro, Brasil.

2. JARDINS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Fredric Jameson (2001) sintetiza o pós-moderno como aquele momento em que a sociedade está *culturalizada* e a natureza se foi para sempre, só podendo ser recuperada, mantida ou apreciada na forma de reservas naturais, parque, praças e jardins. A culturalização também significa a expansão temporal e tipológica do que será reconhecido como *patrimônio*. *Temporal*, porque não apenas o muito antigo será reconhecido como expressão cultural de e em um determinado local. Manifestações contemporâneas, como os neo-museus, que já surgem patrimonializados como prédios monumento, são presenças importantes no pacote cultural de urbes que desejem se impor no mercado de cidades. *Tipológica*, porque o rótulo ‘patrimônio cultural’ passa a incluir, por exemplo, a gastronomia, não só nas suas expressões eruditas, associadas aos grandes restaurantes e chefs, mas também aquelas praticadas nos espaços rurais, em feiras-livre ou mesmo no comércio *food truck*. Importante colocar, o passado é valorizado não só como contribuição cultural e identitária, mas também como um produto de mercado, significativo e diferenciado, entre outros na forma de centros históricos ou nos aqui destacados, jardins históricos (Gastal y Da Silva, 2014; 2015).

Nesse mesmo cenário contemporâneo, coloca-se o protagonismo das cidades e a urbanização crescente do Planeta, não mais por suas dimensões populacionais, mas como decorrência da instalação no espaço urbano de empresas globalizadas de alta tecnologia que, por sua vez, ativam para o local a demanda por profissionais de alta qualificação, no âmbito do que vem sendo debatido como economia criativa, mas também exige das cidades exuberância acadêmica e cultural e do que é tratado, às vezes genericamente, como qualidade de vida. Nesse contexto emerge a chamada cidade global ou cidade mundial (Gastal y Osmainschi, 2017).

O modelo *cidade global* apresenta mudanças radicais em termos de morfologia, organização, funcionamento e aparência, entenda-se, visualidade, para qual contribuem o traçado de ruas, arquitetura, decoração de residências e o relacionamento com a Natureza, demarcado nos verdes públicos e privados (Gastal, 2017). À demanda por espaços visualmente qualificados, soma-se o adensamento das cidades – que torna escassos os verdes citadinos ou mesmo a possibilidade de desfrute do lazer em espaços abertos –, levando à valorização de espaços verdes remanescentes ou reimplantados, tais como reservas florestais, parques, jardins botânicos e jardins históricos.

Nesse cenário, também o turismo apresenta novas performances, entre elas segmentações menos massificadas. Os jardins botânicos, por exemplo, aparecem em situação de destaque, como registra o Botanic Gardens Conservation International (BGCI, 2010), que estima em 200 milhões o número anual de visitantes nesses parques, o que poderia incluir tanto o morador do seu entorno, como visitantes vindos de outros locais, o especialista em botânica e o aficionado em jardinagem, ou o simples curioso. Mas, outras áreas verdes, como os jardins e os jardins históricos, também registram grande número de visitantes, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Visita a jardins

PAIS	MUSEU	VISITANTES
França	Giverny	627 mil/ano
França	Versailles	10 milhões/ano ⁵
Holanda	Keukenhof	800 mil [8 semanas-ano]
Grã-Bretanha	400 jardins abertos ⁶	16 milhões/ano
Irlanda	7 jardins	876 mil/ano
Nova Zelândia	Christchurch	1.2 milhões/ano

Fonte: Os autores, em atualização de dados a partir de Silva e Carvalho (2013)

Os jardins botânicos nasceram como auxiliares do ensino nas escolas de Medicina, onde eram ministradas aulas de botânica voltadas para os boticários e cirurgiões (Camargo, 2007). Hoje, eles são valorizados em países como a Nova Zelândia, com seus 14 parques nacionais⁷, e a África do Sul, onde há dez jardins botânicos⁸, que receberiam 1,5 milhões de visitantes ao ano. Dados de 2005 registam no início do século XXI, a criação de cerca de um novo jardim botânico a cada semana, em algum lugar do mundo, com recente crescimento significativo da China (Galbraith y Rapley, 2005). Tal demanda leva a que a literatura passe a discorrer sobre o que tem sido denominado como turismo de jardins [*garden tourism* ou *garden visiting*] (De Angelis y De Angelis Neto, 1998; Silva, 2013; Brum y Santiago, 2011).

Além da visitação a espaços verdes, mais propriamente, o turismo de jardins inclui feiras como Chelsea Flower Show, que acontece nos jardins do Chelsea Royal Hospital, em

⁵ Conforme <https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/estilo/20100730/novo-rei-versailles/42611>

⁶ O Visit Britain destaca os jardins de Studley Royal (Yorkshire), o Botânico Nacional de Gales, (Llanarthne, País de Gales), o Kew Gardens (Londres), o Stowe Landscape Gardens (Bucks), o Eden Project (Cornwall) e o Drumlanrig (Escócia). Disponível em <https://www.visitbritain.com/br/pt-br/os-jardins-mais-espetaulares-da-gra-bretanha#28jzPvtJu825sAp.97>, acesso em 06 JAN 2018.

⁷ Ver < <http://www.portaloceania.com/nz-tourism-nationalparks-port.htm>>, acesso em 20 de MAR 2015.

⁸ Disponível em <http://www.sanbi.org/gardens>. Outras informações em <http://www.africa-turismo.com/africa-dosul/parques.htm>, ambos acessados em 20 MAR 2015.

Londres há 105 anos, recebendo a cada edição cerca de 160.000 visitantes⁹. Ou ainda o Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima, iniciado em 2005 e que em 2013 recebeu o Garden Tourism Awards, durante a North American Garden Tourism Conference, em Toronto, Canadá.¹⁰ O Garden Tourism Award tem por objetivo compartilhar boas práticas que aproximem os jardins e o turismo, premiando, entre outras, as categorias jardim, destinos e festivais.¹¹ A Conferência de 2017 reuniu mais de 120 delegados em Toronto, Canadá, e que apresentou mais de 150 experiências inovadoras em jardins.

O turismo de jardim inclui números expressivos de participantes, como os aqui apresentados, mas também pode se dar como uma tendência do *turismo de nicho*, compreendendo-se por tal que “*nicho* mais não é do que um pequeno mercado constituído por um cliente individual ou um pequeno grupo de clientes com as mesmas características ou necessidades” (Silva y Carvalho, 2013: 633). Mesmo apresentando números significativos, trata-se de um segmento em crescimento desde a década de 1990, em especial na Grã-Bretanha, França e Portugal, devido a iniciativas de inventariação e preservação de jardins, buscando ampliar seu potencial turístico.

3. JARDINS HISTÓRICOS

Os jardins estão entre os atrativos turísticos mais destacados. O Central Park de Nova York (Estados Unidos), o Tivoli (Dinamarca), o Giverny (França), que foi o refúgio do pintor Monet, assim como os jardins Zen (Japão) e o Keukenhof (Holanda), “que goza do estatuto de maior jardim de flores do mundo [...] que abre apenas dois meses por ano e recebe 800 mil visitantes por temporada” (Silva y Carvalho, 2013: 635). Há, inclusive, jardins classificados pela Unesco como Patrimônio Mundial, caso do Royal Exhibition Building and Carlton Gardens (Australia), do Palace and Gardens of Schönbrunn (Austria), do Classical Gardens of Suzhou (China) e do Kew Gardens (Grã-Bretanha).

No Reino Unido, Portugal, França e Estados Unidos registra-se a presença de diversas associações que inventariam, estudam, divulgam e, algumas vezes, atuam como mantenedores de jardins. É o caso da American Society of Landscape Architects; do Comitê de Parques e Jardins da França e do Inventário de Parques e Jardins Franceses¹²; do English Heritage Register of Parks and Gardens of Special Historic Interest, do Historic Scotland - The Inventory of Gardens and Designed Landscapes in Scotland, do Northern Ireland Heritage Gardens Committee¹³ e do Parks & Gardens UK¹⁴; e do Inventario de Parques e Jardins de

⁹ Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/viagem/noticia/2013/04/exposicao-de-flores-na-gra-bretanha-comemora-100-anos-4094704.html>, acesso em 06 JAN 2018.

¹⁰ Disponível em http://www.festivaldejardins.cm-pontedelima.pt/noticia_detalhe.php?id=25, acesso em 06 JAN 2018.

¹¹ Disponível em <http://gardencouncil.ca/GTA.php>, acesso em 06 JAN 2018.

¹² Disponível em: <http://www.parcsetjardins.fr/>, acesso em 03 JAN 2018.

¹³ Disponível em: <http://www.nihgt.org/>, acesso em 03 JAN 2018.

¹⁴ Disponível em: <http://www.parksandgardens.org/>, acesso em 03 JAN 2018.

Portugal. Internacionalmente, a questão é tratada pelo ICOMOS/IFLA - Comitê Científico Internacional de Paisagens Culturais.

O Historic Landscape [HALS], que integra a American Society of Landscape Architects Inc., ampliou sua área de abrangência para o que trata como *paisagem histórica*. Em sua página *online* explica que o conceito pode envolver de pequenos jardins a grandes parques nacionais, o vernacular, o rural e o urbano, manchas verdes, cemitérios, fazendas, pedreiras, subúrbios e assentamentos abandonados¹⁵. O jardim histórico, mais propriamente, é definido por seu caráter de interesse histórico, tal denominação aplicando-se tanto aos pequenos jardins quanto a grandes parques, segundo a Carta de Florença (1981). Já para Andrade (2008:138), o jardim histórico “destaca-se, entre as demais categorias do patrimônio cultural, por apresentar laços em comum com o patrimônio natural e por sua estreita ligação com a qualidade de vida na cidade. Dentro da história da ideologia da preservação, a definição de diretrizes distintas para a conservação e restauração de jardins data do final da década de 1970”.

Gastal e Da Silva (2015) registram que a Carta de Florença, assinada em 1981, trata o jardim histórico como uma composição arquitetônica e vegetal, de interesse público por sua história e ou expressão artística. Em tal condição é considerado monumento a ser salvaguardado conforme os ditames da Carta de Veneza, o que inclui manutenção, conservação e restauro, porque a sua vegetação, sendo viva, é perecível e de renovação sazonal, conforme as estações do ano, situação em que ‘a vontade artística e a mestria humana se unem para mantê-la em uma situação considerada ideal (Gastal y Da Silva, 2015:72). Importante lembra que segue na mesma linha da Carta de Veneza, “ a Carta de Burra, elaborada pelo ICOMOS, em 1980. Nela, pontua-se uma série de recomendações para a conservação e restauro, e, para tal, afirma a manutenção de um entorno visual apropriado” (Cesar y Stigliano, 2010: 81)

O jardim histórico apresenta, portanto, maior complexidade na sua conservação, se comparado a outros bens patrimonializados. Giverny, por exemplo, passou por cuidadoso processo de restauração a partir de 1977, trabalho coordenado por Gérald Van der Kemp, que fora curador chefe do Palácio de Versalhes, famoso também por seus jardins. O pintor Michel Monet viveu em Giverny entre 1883 e 1926; ao instalar-se no local, refez o jardim retirando as macieiras, ciprestes, maciços de buxos e epíceas que antes existiam ali, para criar uma alameda central sobre a qual ele colocou arcos metálicos onde roseiras trepadeiras se espalham. De cada lado da alameda, foram plantadas flores, misturando muitas cores, e frutíferas como cerejeiras e damasqueiros, numa composição de paisagem que depois Monet consagraria em suas pinturas¹⁶. Após a morte do artista, a propriedade e seus bens foram doados à Academia Francesa de Belas Artes. Patrocínios privados permitiram a recuperação da casa e da ponte japonesa, a substituição de árvores mortas e replantio de canteiros de flores, sob coordenação do jardineiro Gilbert Vahé, num projeto de restauro que se guiou por

¹⁵ Disponível em: <https://www.asla.org/HALS.aspx>, acesso em 03 JAN 2018.

¹⁶ Disponível em <https://www.pariscityvision.com/pt/giverny/jardins-claude-monet-giverny>, acesso 23 DEZ 2018

documentos de arquivo e na correspondência de Monet com seus fornecedores¹⁷. Resultado deste trabalho, o Jardim Giverny recebe 627.000 visitantes por ano, sendo o segundo local mais visitado da Normandia, atrás apenas da abadia do Monte Saint-Michel, conforme dados de 2014¹⁸.

4. UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA: SÍTIO BURLE MARX

No Brasil, a introdução dos jardins reportaria a presença holandesa no nordeste do País, deixando como legado o Parque de Friburgo, criado no Estado de Pernambuco em 1637. Já os portugueses, apenas em 1783 criaram o Passeio Público do Rio de Janeiro, projeto de Valentim da Fonseca e Silva [Mestre Valentim], que seguia o modelo francês (Silva, 2014). Em 1796, uma carta Régia proporia a criação de jardins botânicos na então colônia brasileira, o primeiro deles instalado no Estado do Pará, dois anos depois, com objetivo de “fomentar o conhecimento das possibilidades econômicas da vegetação nativa e exótica” (Silva, 2014:118). Entretanto, “a criação do jardim no Brasil está atrelada a um forte processo de transformação da paisagem, com a substituição da vegetação nativa por exótica [...], até mesmo porque, havia um grande desprezo pela vegetação nativa tanto pelos habitantes como pelos governantes” (Silva, 2014:119). Na sua história subsequente no País, a natureza *culturalizada* se demarcaria por “hortas conventuais coloniais, o Passeio Público do Rio de Janeiro (1779-1883), jardins ou hortos botânicos (séculos XVIII-XIX), passeios, jardins e parques públicos (séculos XIX-XX) e jardins privados dos séculos XIX e XX, além das elaborações do paisagismo moderno moldado por Roberto Burle Marx a partir de 1930” (Silva, 2011:s.p.).

Burle Marx, significará uma importante alteração conceitual, ao priorizar a flora brasileira em seus projetos. Nascido em 1909, com pai alemão e mãe brasileira, desde criança suas pinturas e desenhos se diferenciavam. Aos 18 anos, em viagem a Europa, conhece a coleção de plantas brasileiras do Botanischer Garten und Botanisches Museum Berlin-Dahlem, tema que se transformará em paixão de vida. De volta ao Brasil, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, “onde foi colega de Oscar Niemeyer e conviveu com Lúcio Costa¹⁹, na época, década de 1930, diretor da escola. Em 1932, Lucio Costa o convida a implantar o que será seu primeiro jardim, no Rio de Janeiro. Dois anos depois estará em Recife, cidade natal de sua mãe, como diretor de Parques e Jardins da cidade, experiência fundamental para seu futuro como paisagista, pois estabelecerá os princípios que passarão a orientar seus projetos” (Gastal y Da Silva, 2015:).

O primeiro desses princípios será o de priorizar espécies da flora nativa, como as bromélias, em seus projetos. Outro princípio destaca que a planta deve ser o elemento

¹⁷ Disponível em <http://www.parcsetjardins.fr/actualites-rubrique.php?cat=livres#actu1115>, acesso 23 DEZ 2018.

¹⁸ Disponível em <https://www.pariscityvision.com/pt/giverny/centro-de-turismo-de-giverny>, acesso 23 DEZ 2018

¹⁹ Oscar Niemeyer e Lúcio Costa serão os dois arquitetos responsáveis pelo projeto e implantação de Brasília, nos anos 1960.

principal na composição do jardim, em design que respeite os ecossistemas locais, ao invés de copiar estilos europeus de jardinagem. Silva (2014) sintetiza que os jardins de Burle Marx são estruturados considerando *higiene*, pois deverão funcionar como um pulmão coletivo nas cidades; *educação*, pois permitem que as pessoas conheçam a flora do país, diferenciando-a da exótica, e criem respeito pela natureza; *arte*, pois o design estará subordinado a uma determinada forma de conjunto.

Em 1949 adquire, com seu irmão, o Sítio de Santo Antônio da Bica, em Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, que hoje leva seu nome, com o objetivo de acervar, ali, sua coleção de plantas brasileiras, já então bastante significativa. Gastal e Da Silva (2015:78) registram que em 1965, o American Institute of Architects reconheceu a excelência de Roberto Burle Marx, “premiando-o por seu trabalho e creditando-o como o criador do jardim moderno. Sobre o Sítio Burle Marx, o arquiteto norte-americano Paul Goldberg declarou ser ele um jardim memorável, e uma floresta com curadoria. Em suas palavras, ‘o sítio é algo assim: uma autobiografia escrita com plantas. Você sente uma conexão profunda com Burle Marx e que está vendo algo único. Ele sabia usar plantas como elementos de uma composição visual e fazer daquilo uma afirmação moderna’”.

Com a recuperação da casa de fazenda e da capela ali existentes, em 1973 Burle Marx passou a residir no local. Na década de 1980 organiza o que chama de *expedições científicas*, entre outras, à Amazônia, acompanhado por uma equipe que incluía arquitetos, botânicos e fotógrafos, para estudos e coleta de plantas. Hoje, o Sítio reúne mais de 3.500 espécies em viveiros e nos jardins ao ar livre, constituindo-se numa das mais importantes coleções de plantas tropicais e semitropicais do mundo²⁰. Marx viveu ali até falecer, em 1994. Seu currículo de vida inclui mais de dois mil projetos paisagísticos, em espaços públicos e privados, com destaque para o Parque do Ibirapuera (SP), o Parque do Flamengo e o Calçadão da Av. Atlântida (RJ), a sede da Unesco (Paris) e o Itamaraty (Brasília), em que alguns veem na *curadoria* dos projetos a influencia de sua atividade como artista pintor, escultor, tapeceiro e designer de joias.

Em 1985, o Sítio foi listado como Patrimônio Cultural Brasileiro, data em que a propriedade também foi doada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo tombado em 2003. Desde 2015, foi incluído na Lista Indicativa da Unesco, para tombamento²¹. Em 2018, a candidatura, já pré-selecionada pela Unesco, estará em fase de elaboração do dossiê, a ser encaminhado ao organismo internacional pelo IPHAN em 2019, considerando que a “magnitude da obra conseguiu atingir quatro critérios da Unesco (...) representando, respectivamente: uma obra-prima do gênio criador humano; o testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou em uma determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou da criação de paisagens; como um exemplo

²⁰ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/399/>, acesso em 12 DEZ 2017.

²¹ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4488/candidato-a-patrimonio-mundial-sitio-roberto-burle-marx-recebe-investimentos>, acesso em 12 DEZ 2017.

excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana; e, estar direto ou materialmente associado a acontecimentos e tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias que têm um significado universal excepcional”²².

Também em 2017, o arquiteto mexicano, também Conselheiro da Unesco no Comitê Internacional de Paisagens Culturais, Saúl Alcántara Onofre, na abertura do 2º Seminário Internacional Paisagem e Jardim como Patrimônio Cultural, realizado no Brasil, sugeriu também a inclusão de seis jardins projetados por Burle Marx na cidade de Recife, na lista indicativa brasileira ao Patrimônio Mundial da Unesco. Os jardins Casa Forte, Faria Neves, Euclides da Cunha, do Derby, Ministro Salgado Filho e Praça da República com os jardins do Palácio do Campo das Princesas, já foram arrolados pelo IPHAN desde 2015, como jardins históricos brasileiros (Pessoa y Carneiro, 2003).

Recentemente, o Sítio Burle Marx recebeu um investimento de R\$ 4,45 milhões, a serem investidos na requalificação do espaço, melhorias na estrutura física e digital. A intervenção ainda inclui elaboração de plano museológico, modernização de equipamentos, revisão da exposição de longa duração, constituição de base de dados digital para gestão das coleções e disponibilização do acervo para consulta pública, planejamento da comunicação e divulgação do espaço, investimento em licenciamento da marca em produtos e contratação de consultoria para a estruturação de fundo patrimonial.²³

Atualmente, o Sítio Burle Marx atua como um centro cultural, promovendo palestras e cursos, exposições artísticas e apresentações musicais. Mesmo assim, a visitação anual ao local registrou 11.695 visitantes, número bastante distante dos 627 mil de Giverny. Consideram-se, aqui, outras aproximações entre os dois espaços, como sua origem como residência de artistas, o acervo de espécimes que promovem, e o íntimo diálogo entre o jardim e a produção pictórica tanto de Monte como de Burle Marx.

5. ENCAMINHAMENTOS

O momento contemporâneo apresenta importantes quebras de paradigmas, decorrentes da presença da tecnologia e da globalizando da economia, que ativam os números do turismo. Entretanto, não nos defrontamos mais apenas com o dito *turismo de massa*, mas com um perfil de (pós)turista que, segundo Molina (2003), antes do que novos lugares, procura por novas experiências.

O mundo desenhado pela globalização, como este artigo procurou demonstrar, também induz à maior hegemonia política e econômica das urbes, desenhando redes de polos em que há forte disputa para colocar-se como *cidade global*, diferenciadas por sua capacidade de atrair empresas, capitais e visitantes. Parte desse cenário, a densidade urbana também impacta a natureza, levando a que os verdes remanescentes ganhem destaque e valorização e,

²² Idem.

²³ Idem.

em decorrência, uma maior aproximação ao turismo. Parque e jardins botânicos recebem visitantes em números que alcançam os milhões, e, desde a década de 1990, estão acompanhados pela ascensão dos *jardins históricos*, aqueles reconhecidos como espaços em que o gênio humano associa arte e natureza com maestria, levando ao seu reconhecimento de muitos deles como patrimônio local, nacional e mesmo mundial, pela Unesco.

A visibilidade dos jardins históricos é destaque na Grã-Bretanha, França e Portugal, promovida por associações privadas, que atuam para inventariação, divulgação e até mesmo na manutenção e restauração de muitos jardins. Os jardins, de forma mais ampla, têm sido valorizados em muitos países, promovendo-se a visita aos mesmos, mas também incentivando a realização de eventos e feiras associados a estes espaços verdes e à jardinagem, como forma de promoção de cidades e ativação do turismo. Os números envolvidos, assim como seu potencial de crescimento, levam os especialistas a sugerir o turismo de jardins - *garden tourism* ou *garden visiting* – como novo e importante segmento, envolvendo os jardins históricos, os jardins botânicos e eventos relacionados a plantas e materiais de jardinagem. A visita, além de promover e ampliar a maior permanência em muitos destinos urbanos, também contribui na preservação da flora e na reversão de casos de espécies ameaçadas de extinção, leva a conscientização ecológica e fomenta a arrecadação de recursos financeiros, sempre necessários a preservação de tais espaços.

Várias experiências internacionais mostram os resultados originados, quando boas práticas são aplicadas. Dois casos destacados por nós, unidos por terem sido iniciativa de artistas – o Jardim Geverny, criado por Monet e o Sítio de Burle Marx –, mostram as possibilidades em termos de visita. O primeiro registra mais de 627 mil visitantes-ano, o segundo, módicos 11.695. São números que mostram o potencial do jardim brasileiro, em especial em termos de incentivar uma maior ação conjunta com o turismo.

REFERÊNCIAS

- Andrade, I. E-J. (2008). Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. *Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, 8, 138-144.
- BGCI – Botanic Garden Conservation International (2010). Disponível em <http://www.bgci.org>, acesso em 20 SET 2015.
- Brum, P. & Santiago, J. (2011). *Os jardins históricos de Macau: proposta de um itinerário turístico*. Dissertação. Mestrado Arquitectura Paisagista. Instituto Técnico de Lisboa.
- Camargo, H.L. (2007). *Uma pré-história do turismo no Brasil*. Recreações aristocráticas e lazeres burguês (1808- 1850). São Paulo: Aleph.
- César, P. A. B., y Stigliano, B.V. (2010). A viabilidade superestrutural do patrimônio: estudo do museu da língua portuguesa. *Revista de Cultura e Turismo*, 4(1), 76-88.
- De Angelis, B.L.D. y De Angelis Neto, G. (1998). Paisagem, turismo e planejamento urbano. *Acta Scientiarum*, 20(4), 537-543.

- Galbraith, D. y Rapley, W. (2005). Research at Canadian zoos and botanical gardens. *Museum Management and Curatorship*, 20, 313-331.
- Gastal, S. y Da Silva, A.V. F. (2014). Lazer, tempo e espaço: o Jardim Botânico de Porto Alegre, RS. *Anais... Seminário Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*.
- Gastal, S. y Da Silva, A.F. (2015). Jardins e jardim histórico: espaço de memória e possibilidades para o turismo. *Revista Ibero Americana de Turismo*, out, 63-85.
- Gastal, S. y Osmański, R. (2017). Ciudades Globales: rankings y posibilidades para el turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 26, 419-440.
- Gastal, S. (2017). Ciudad y visualidad, una mirada semiótica al texto teatro. *In Mediaciones de La Comunicación*, 12, 285-303.
- Harvey, D. (2016). *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo.
- Harvey, D. (1999). *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola,
- Jameson, F. (2001). *Cultura do dinheiro*. Petrópolis, Vozes.
- Mattos, C.A de. (2006). Modernización capitalista y transformación metropolitana em America Latina: Cinco tendências constitutivas. In: Lemos, A.I.G. de; Arroyo, M. y Silveira, M.L. (org.). *América Latina: cidade, campo e turismo*. Buenos Aires, Clacso; São Paulo, USP.
- Molina, S. (2003). *Pós-turismo*. São Paulo, Aleph.
- Pessoa, A. C. y Carneiro, A.R.S. (2003). Burle Marx nas praças do Recife. *Arquitextos*, 4.
- Silva, S. y Carvalho, P. (2013). Os jardins históricos: da dimensão patrimonial ao seu potencial turístico. *Turismo & Sociedade*, 6(3), 605-625.
- Silva, S.M.P. (2013). A dimensão patrimonial e o potencial turístico dos jardins históricos: o caso de Portugal. *Biblio 3w: revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales*, 18, s.p.
- Silva, J. M. da. (2014). Um passeio pela história dos jardins e um olhar para a criação dos primeiros jardins modernos no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, 13 (156), 113-126.
- Silva, A. de F. (2011). Jardins históricos brasileiros e mexicanos. Interloções sobre historiografia e preservação (resenha). *Vitruvius*, 10.

